



Universidades Lusíada

Rodrigues, Elisabete do Carmo Mendes, 1980-

Expansão urbanística de Alcobaça : anos 50 : entre a ruptura e a procura da expressão moderna

<http://hdl.handle.net/11067/456>

Metadados

Data de Publicação	2011
Resumo	No seguimento do artigo anteriormente publicado (Revista de arquitectura Lusíada, nº 1) intitulado “Expansão Urbanística de Alcobaça Anos 50, Contributos para a modernidade”, pareceu-nos imprescindível dar a conhecer ao leitor os reflexos que as premissas urbanísticas ditadas pelos planos aí apresentados reflectiram, constituindo uma peça chave ao desenvolvimento dos edifícios que aqui se expõem. O contexto social impulsionado pela mecanização coloca em manifesta relação a história e a tecn...
Palavras Chave	Movimento moderno (Arquitectura) - Portugal, Centros históricos - Portugal - Alcobaça, Planeamento urbano - Portugal - Alcobaça, Alcobaça (Portugal) - Edifícios, estruturas, etc.
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 3 (2.º semestre 2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T17:01:42Z com informação proveniente do Repositório

RODRIGUES, Elisabete do Carmo Mendes (2011). "Expansão urbanística de Alcobça - anos 50. Entre a ruptura e a procura da expresso moderna". *Revista Arquitectura Lusíada*, N. 3 (2.º semestre 2011): p. 103-122. ISSN 1647-9009.

EXPANSÃO URBANÍSTICA DE ALCOBÇA - ANOS 50. ENTRE A RUPTURA E A PROCURA DA EXPRESSÃO MODERNA

Elisabete do Carmo Mendes Rodrigues

RESUMO

No seguimento do artigo anteriormente publicado (Revista de arquitectura Lusíada, nº 1) intitulado "Expansão Urbanística de Alcobça | Anos 50, Contributos para a modernidade", pareceu-nos imprescindível dar a conhecer ao leitor os reflexos que as premissas urbanísticas ditadas pelos planos aí apresentados reflectiram, constituindo uma peça chave ao desenvolvimento dos edifícios que aqui se expõem.

O contexto social impulsionado pela mecanização coloca em manifesta relação a história e a tecnologia, abarcando conceitos estruturais para o desenvolvimento de novas premissas. Estas vêm responder aos impulsos de uma sociedade em desenvolvimento, articulando arte e técnica, numa cultura de espaços que passam a estar ao serviço do homem.

Nesse sentido, as obras aqui abordadas pretendem analisar essa relação, reveladora de uma identidade social que constitui a prova de júbilo do espírito da era moderna.

PALAVRAS-CHAVE

Alcobça, Sociedade, Arquitectura/Urbanismo, Movimento Moderno, Centro Histórico, Industrialização, João Simões e Francisco Rodrigues, Camilo Korrodi, Vaz Martins, António Aurélio.

ABSTRACT

Following the previously published article (Revista de arquitectura Lusíada, nº 1) intitled "Expansão Urbanística de Alcobça | Anos 50, Contributos para a modernidade", seemed us essential to inform the reader about the reflections that the urbanistics premises dictated by the plans presented here came to reflect, constituting a key to the development of the buildings that we exposed.

The social context driven by mechanization puts in clear relation the history and technology, covering structural concepts for the development of new premises. That came to respond to the impulses of a society in a growth process, articulating art and technique, in a culture of spaces that are at the service of man.

In this sense, the works discussed here pretend to analyse this relationship, revealing a social identity that constitutes evidence of the joy of the spirit of the modern time

KEY-WORDS

Alcobça, Society, Architecture/Urbanism, Modern Movement, Historic Center, Industrialization, João Simões e Francisco Rodrigues, Camilo Korrodi, Vaz Martins, António Aurélio.

INTRODUÇÃO

Primordial ponto de referência ao desenvolvimento da malha urbana, o mosteiro de Sta Maria de Alcobça desenha-se como pano de fundo aos tempos que têm vindo a desenhar a cidade. As ruas de traçado orgânico, implantadas entre os dois rios, encontram-se polvilhadas de edifícios tradicionais, delineados por regras de simetria e regularidade.

A relação entre diversos momentos históricos representa um exemplo paradigmático, interpretando a herança do passado, no momento de enfrentar os desafios de uma sociedade em mudança, que solicita propostas arquitectónicas e urbanísticas, de resposta funcional que acompanhem a voracidade do desenvolvimento industrial.

O fervor construtivo do Estado Novo sente-se sobretudo da década de 50 em diante, depois do crescimento das ruas, infra-estruturas, electrificação, entre outros, a construção começa a eclodir.

Assim, em diversos pontos da cidade assumem-se preciosos testemunhos da passagem do movimento moderno pela povoação. Obras que não colocam o restante centro histórico numa unidade independente ou inter-cambiável, mas entram em diálogo com o mesmo, transpondo as ruas e praças, num organismo contínuo, onde estão perfeitamente equilibrados os contrastes assumidos pela era moderna.

Trata-se de um ambiente heterogéneo, que respeita a identidade de cada época bem como a sua evolução.

As obras apresentadas, ao mesmo tempo que se destacam pela riqueza formal e conceptual, também se coadunam em perfeito diálogo com o tradicional enquanto organismo contínuo.

Os conceitos de belo e útil surgem como premissas indissociáveis na concepção das mesmas. Estas apenas conseguem atingir o seu equilíbrio se baseadas primeiramente no respeito e ensinamento deixado pelo património antigo.

TRANSIÇÃO PARA A MODERNIDADE



Fig. 1 - Edifício Habitacional.

Implantado numa posição fronteiriça relativamente à imponente Abadia de Sta Maria de Alcobaça e ainda desfrutando da sua soberba imagem, situa-se o singular edifício habitacional, com quatro pisos de altura, projectado em 1954 pelos arquitectos João Simões e Francisco Rodrigues.

Os autores, participantes no 1º Congresso Nacional de Arquitectura (CNA), nas teses aí publicadas revelam a sua abordagem sobre a criação de resposta à coordenação dos problemas sociais e estéticos, sobre as necessidades de serem criadas condições e meios adequados à sua acção.

O bloco habitacional aqui considerado encontra-se localizado na zona nobre da cidade e parece-nos adivinhar um momento de reflexão ao nível do programa habitacional, de acordo com as aspirações das famílias abastadas. Cada fogo é projectado com dimensões consideráveis.

A compartimentação desenha-se um pouco confusa, quando comparada com a linearidade dos edifícios habitacionais que vêm a ser projectados por António Aurélio (seguidamente abordados). Devido à configuração do lote, o edifício apresenta alguns recantos, o que acaba por lhe retirar harmonia, contudo, parece-nos haver já uma reflexão no sentido de dar resposta às necessidades do ser humano, garantindo-lhe um elevado grau de consciência e dignidade.

O facto de se desenharem pátios e galerias com carácter de interioridade, acabam por lhe conferir uma luminosidade específica e uma privacidade que permite desfrutar do espaço exterior, sem estar exposto ao arruamento.

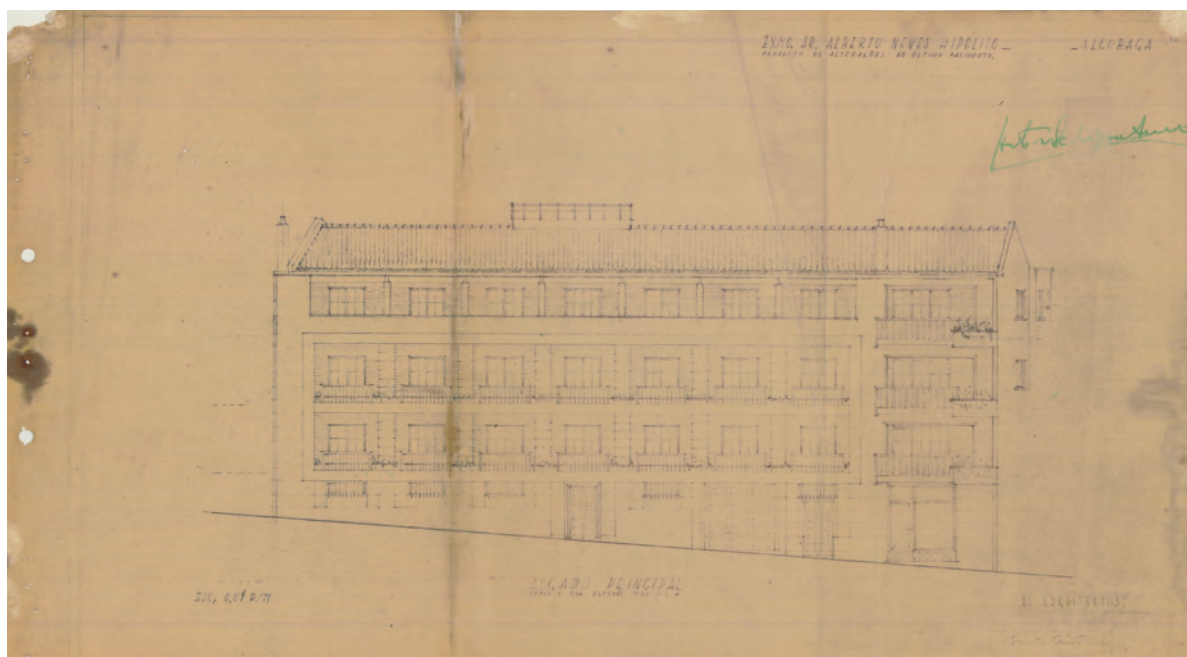


Fig. 2 – Processo de Obras nº 1145/54 – 2.º Proposta de Alçado Frontal.
Arq. João Simões e Francisco Rodrigues, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaça.

Embora todo o conjunto se desenhe ainda bastante rígido e moldado na sua apresentação o desenho da fachada é trabalhado segundo planos e molduras, onde a decoração é nula, para dar lugar ao detalhe, como é exemplo o desenho das varandas, das guardas e dos vãos que parecem querer abrir-se mais para absorver o exterior,

Neste aspecto podemos assim considerar que o bloco revela parcialmente a reflexão dos autores sobre os valores defendidos na tese apresentada no 1º CNA.

A EXPRESSÃO DE CAMILO KORRODI



Fig. 3 - Estação Rodoviária – Capristanos.

Camilo Korrodi, personalidade de destaque em Leiria, cidade onde nasceu e viveu, deixa testemunhos em vários pontos do país, marcando o modernismo com grande primazia.

Viveu na vila Hortência, obra projectada por seu pai, Ernesto Korrodi, também ele um grande marco na arquitectura, na arqueologia e no património Nacional sendo um dos expoentes máximos da expressão da arte Nova em Portugal.

Por volta de 1944, Camilo projecta juntamente com seu pai, o edifício do cine-teatro de Alcobaça, sendo considerado das mais belas salas de cinema de Portugal, constituindo um importante marco na história da arquitectura Nacional dos anos 40, bem como no percurso profissional dos Korrodi.

No seu percurso profissional dedicou alguns anos ao Município de Alcobaça, trabalhando como arquitecto consultor, constando vários pareceres seus em processos de obras licenciados na altura.

Camilo Korrodi revela numa primeira fase algumas influências da Arte Déco, resultado do trabalho com o seu pai, contudo, passa posteriormente para uma postura de modernidade, sendo reflexo disso o projecto da estação Rodoviária, que utilizou em várias cidades, adaptado consoante as características e a topografia do lote.

A gare “Os Capristanos”, erguida em 1956, apresenta uma imagem completamente voltada para as novas tendências do movimento moderno.

Na concepção do edifício percebe-se um apreender de todas as especificidades inerentes ao programa, sobretudo a noção de escala agora presente. O edifício assume um claro jogo entre verticalidade e horizontalidade, em coerência com a acentuada inclinação da rua. Denuncia um assumir de novos valores na arquitectura, a linearidade que este apresenta projecta-nos para a nova era.

O programa define uma estratégia de circulações, para que não haja conflito entre autocarros e passageiros. A gare subdivide-se em três momentos, a zona destinada aos utentes, numa concepção espacial mais recolhida, dada pela redução considerável do pé-direito, bem como pelo desenho da parede do topo que parece abraçar todo o espaço. Esta abre-se sobre a zona de paragem dos autocarros, para que o acesso dos utentes se faça de forma e regrada. Num terceiro momento, surge a área central da nave que é reservada às manobras, para que o autocarro possa proceder à sua deslocação em segurança.

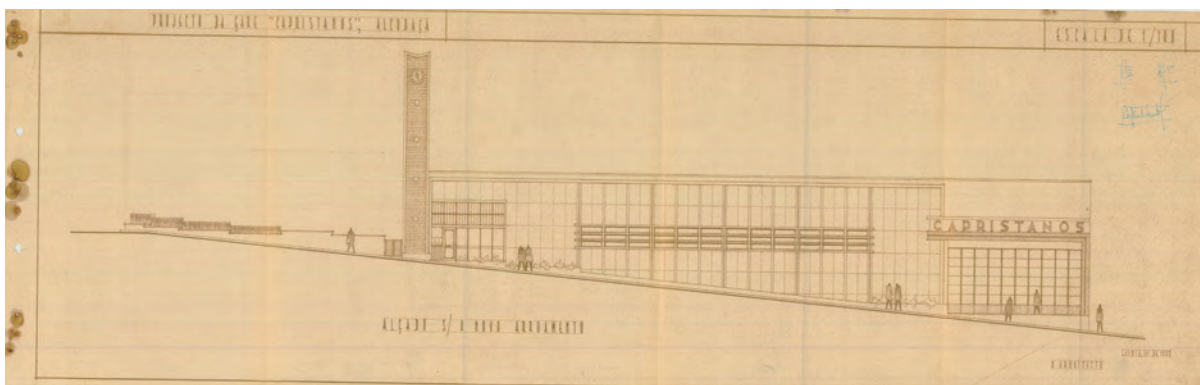


Fig. 4 – Processo de obras nº 899/56 - 2º Proposta, Alçado Nascente, com a torre relógio e o bar.
Arq.º Camilo Korrodi, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaça.

Assumindo a acentuada inclinação do arruamento, o autor desenha um bar no topo do edifício, resultando para o seu interior num primeiro piso. Este abre-se para a rua, servindo não apenas os utilizadores da gare, como também qualquer pessoa que ali passe. Num posicionamento mais interior, admitiu-se a colocação de um segundo serviço de bar, destinado aos passageiros, para que estes não tivessem de subir as escadas para se deslocar ao bar principal.

A forma como o autor resolve todas as especificidades inerentes ao programa revela-se de grande notoriedade, assumindo a conotação de intemporalidade num espaço que resulta perfeitamente adequado às necessidades dos dias de hoje. Essa intemporalidade confere ao edifício um envelhecer nobre, acentuando de ano para ano as respectivas qualidades.

Sem dúvida que os transportes imprimem um novo conceito de temporalidade, a aproximação dos diversos meios urbanos veio fomentar o desenvolvimento a todos os níveis bem como a cultura e interacção humanas da vida em sociedade.

ARTICULAÇÃO DO MERCADO MUNICIPAL



Fig. 5 - Mercado Municipal.

Denotando a necessidade de oferecer à população melhores condições de higiene relativamente às diversas áreas alimentícias, surge o projecto para o edifício do Mercado Municipal, que a população tanto aspirava.

Durante largos anos a sua laboração decorreu na praça do Rossio, junto ao mosteiro, sem assegurar condições mínimas de higiene, com os alimentos expostos às intempéries lançando um cheiro nauseabundo pelas ruas, pelo que, tornava-se inconcebível nos tempos que corriam não haver instalações próprias numa povoação que aspirava ao desenvolvimento e inovação. O projecto constituiu um marco na evolução da cidade, do qual os jornais da região davam conta¹.

O programa cria uma rigorosa distinção das diversas áreas comerciais, sendo cada uma tratada singularmente, consoante as respectivas características e necessidades. Note-se o tratamento que é conferido à zona destinada à comercialização do peixe, embora integrada no conjunto, no seu interior percebe-se claramente a distinção. Este é colocado numa sala ampla, distinta da ala principal, com duas grandes portas que anunciam a sua localização, onde o ruído é ensurdecedor e o cheiro bastante mais activo que nos restantes espaços. As bancadas são detalhadamente desenhadas sendo previsto um lavatório em cada uma para a lavagem dos produtos. Uma zona bastante mais húmida e fria, que sem dúvida teria de se particularizar de forma a não interferir com o funcionamento do restante conjunto.

¹ "...Gradualmente, apesar da descrença de alguns, somos a caminhada que levará Alcobaça ao nível que merece..." Extracto do Jornal "O Alcoa", Dezembro de 1961.

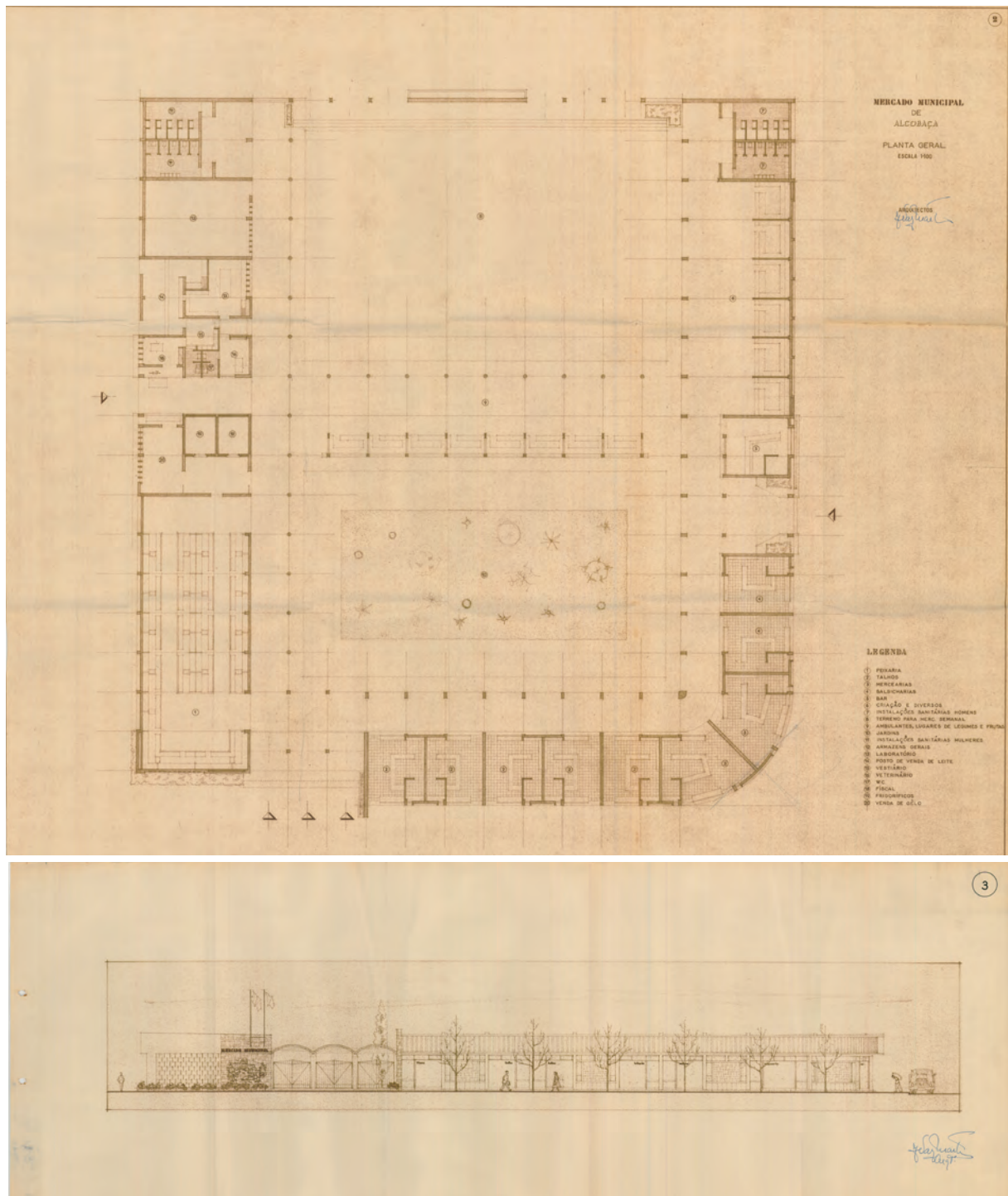


Fig. 6 – Planta ao Nível da Entrada e Alçado Principal.
Arq.º Vaz Martins e João Castro Lobo, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaça.

A exploração e estudo do programa pretendido para o edifício do mercado coloca em prática a 4ª dimensão da arquitectura, a temporalidade. Aqui distinguem-se claramente espaços destinados a permanência e zonas de percurso, sendo ambas rigorosamente qualificadas, onde o utilizador percorre o espaço observando os produtos que tem ao seu dispor, agrupados por sectores.

Através da colocação do painel escultórico que singulariza a entrada principal do edifício, o autor insere na arquitectura o diálogo com as restantes artes visuais, à semelhança do que foi executado no edifício do cine-teatro da cidade, construído cerca de 15 anos antes, curiosos exemplos de integração plástico-arquitectónica.



Fig. 7 – Mercado Municipal.
Pormenor dos painéis escultóricos das fachadas.

A pesada massa paralelepípedica que se estende horizontalmente sobre o quarteirão, articula-se com a delicadeza dos pormenores, estrategicamente desenhados ao sabor de cada espaço comercial, num conjunto unificador, organizando o espaço urbano e capaz de abarcar o quotidiano da população. Espaços muito bem caracterizados, consoante a função a que se destinam, adoptando uma solução de continuidade, proporção e regularidade sugerida pela regra de *modulor*.

Contudo, o seu intenso valor transpõe-se muito para além da riqueza programática que abarca. O edifício estabelece uma forte articulação entre o núcleo antigo da cidade e toda a zona nova que se encontrava em expansão.

Devido ao seu carácter funcional abarca uma diversidade de pessoas que vão desde as classes mais desfavorecidas até à burguesia. Desta forma, reúne uma densidade populacional que se movimenta e vivencia toda a sua envolvência, proporcionando assim grandes condições de desenvolvimento em seu redor.

O edifício localiza-se perto da estação rodoviária, criando um percurso natural para quem utiliza os dois equipamentos, proporcionando o desenvolvimento comercial entre ambos. Este estabelece-se como uma rótula na articulação do conjunto, uma artéria que relaciona e faz interagir todos os elementos circundantes.

LEGADO DE ANTÓNIO AURÉLIO



Fig. 8 - Edifício Sede da Cooperativa Agrícola de Alcobaça.
Pormenor dos planos da fachada.

Os edifícios projectados pelo arquitecto António Aurélio colocam-nos assumidamente na linha da frente da arquitectura moderna, num sublime e singular trabalho de planos opacos e transparentes ousando mesmo sugerir a linha de Mies Van der Rohe.

O arquitecto nasceu em Alcobaça, e em 1975 emigrou para o Brasil, país onde veio a falecer. A sua expressão não se limitou apenas à arquitectura, deixou também um importante legado na pintura, revelador de uma sensibilidade inqualificável. Excelente profissional e de valor intemporal, projectou para o futuro, qualidade que ainda hoje é dificilmente atingível e fortemente admirada.

Numa zona de terrenos férteis, herdados os ensinamentos dos monges no domínio da terra, e onde a agricultura era a principal actividade de subsistência da maioria das famílias, parece quase natural a importância e progresso da Cooperativa Agrícola no contexto local, dominando em pouco tempo a relação entre a exploração grossista e as indústrias alimentares daí derivadas.

Numa primeira fase a cooperativa solicita o projecto de um armazém destinado à central fruteira, e posteriormente ergue o edifício destinado à Sede da mesma, ambos da autoria do arquitecto António Aurélio.

Todo o conjunto denuncia uma excepcional sensibilidade no trabalhar de cada objecto, revelador de grande sentido tectónico e de domínio formal, colocando-nos ao lado do trabalho desenvolvido pelos maiores mestres da arquitectura moderna em Portugal e na Europa. Este permite ultrapassar o sentido gráfico e decorativo pela singular projecção tectónica e articulação de planos cheio/vazio, assumindo o radicalismo moderno, que vai de encontro à contemporaneidade Europeia.

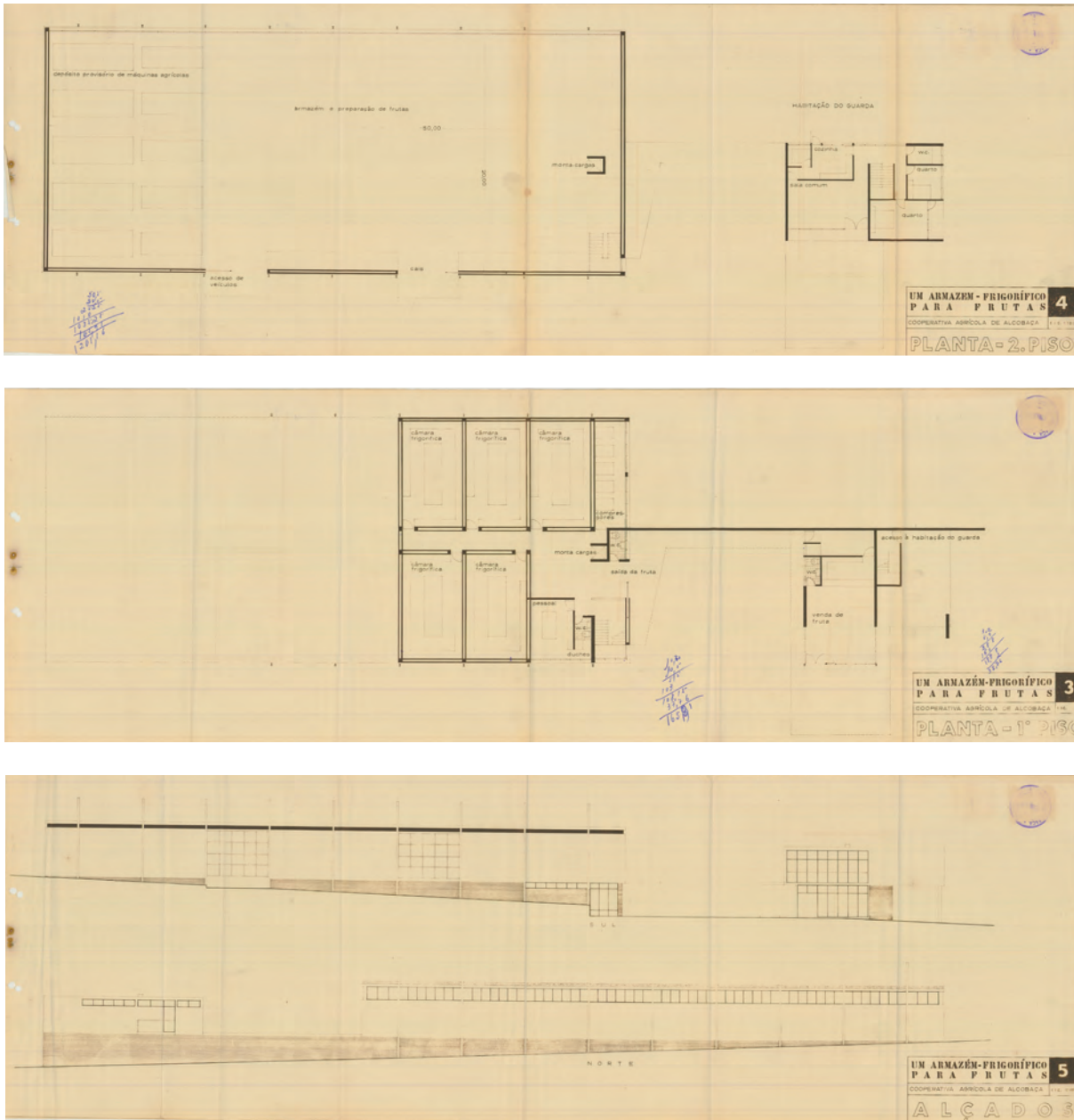


Fig. 9 – Processo de Obras nº 1157/58 – Planta 1º Piso, Planta 2º Piso e Alçados.
Arq.º António Alberto Aurélio, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaça.

O armazém projectado (figuras 9 e 10) assume a filosofia de funcionamento de um novo programa agrícola, destinado a reunir um grande volume de produtos agrícolas no seu estado bruto, para posteriormente se proceder à respectiva selecção, classificação e embalagem. Os equipamentos de distribuição e armazenamento abarcam especificidades diferentes, sendo que o edifício permite um percurso evolutivo desde que o produto chega, até à sua saída para comercialização.



Fig. 10 - Central Fruteira.

O edifício assume a estrutura de ferro, deixa-se influenciar pelos jogos de cheios e vazios, pela alternância do cromatismo, e as texturas do revestimento cerâmico, superfícies maciças ou transparentes que acentuam a horizontalidade. Trata-se de uma estrutura dotada de leveza e limpidez, que abordada segundo uma reflexão coerente da respectiva funcionalidade.

Em contrapartida, o edifício Sede da Cooperativa Agrícola de Alcobaça (fig. 8) constitui a consideração sobre os valores inerentes ao espaço destinado a escritórios. A sua localização está naturalmente implantada no coração da cidade, fomentando a complementaridade com o espaço comercial, zona de grandes movimentações consumistas, que garante o dinamismo favorável aos contactos laborais.

O edifício assume áreas bem iluminadas e distribui de forma ordenada cada sala, de diferentes dimensões, facilitando o seu funcionamento e interação quando necessária.

O vidro triunfa na sua obra, a brutalidade da estrutura de betão em diálogo com as superfícies transparentes atingem um elevado efeito de leveza e elegância. O autor solta-se do alinhamento sobre um único eixo, que antes era factor imperativo, para articular os vários corpos em direcção ao exterior, criando uma extraordinária comunhão entre o interior e o exterior, factor que vai voltar a trabalhar mais tarde, no edifício habitacional de gaveto (figuras 12 e 13), situado no mesmo quarteirão.



Fig. 11 - Edifício Sede da Cooperativa Agrícola de Alcobaça e Bloco Residencial. Articulação do conjunto.

Não se pode deixar de salientar a forma como o autor articula este edifício com o lateral, destinado unicamente a habitação (fig. 11), nomeadamente no que diz respeito à materialidade, às texturas, bem como a modelação de ambos os corpos. Estes vêm nivelar o *layout* do quarteirão, no contexto de equilíbrio de inserção na cidade. Ambos sugerem claramente uma unidade, deixando subtilmente subentender os diferentes programas a que se destinam.

Estes edifícios, devido à originalidade da sua concepção espacial e à inédita estruturação dos volumes, no *skyline* citadino, constituem-se como singulares exemplos de destaque no novo panorama da cidade.



Fig. 12 - Bloco Residencial e Comercial.

Quanto ao edifício habitacional (figuras 12 e 13), que projecta em 1961, situado no gaveto oposto ao edifício da Cooperativa, este parece lançar um nível experimental. O autor projecta uma galeria comercial no piso térreo, situação completamente inovadora a que ainda não se tinha recorrido e que parece resultar bastante bem do ponto de vista funcional. Contudo, não tão bem resolvida surge-nos a fachada do edifício, esta é trabalhada com alguma opacidade, devido ao facto de responder a um programa habitacional, continuando a definir a modelação entre corpos distintos que se encaixam e desencadeiam cada espaço. O exemplo constitui um ensaio experimental ao nível dos materiais aí utilizados, o revestimento em azulejo e o trabalhar dos perfis de betão tiram-lhe a pureza a que nos habituou.

Foram várias as intervenções de António Aurélio no quarteirão da antiga Praça de Touros, contudo, no primeiro projecto descreve com desagrado a sua posição relativamente ao facto do terreno ter sido transformado em lotes e vendidos para a construção de edifícios habitacionais e de comércio.

Os seus propósitos urbanísticos passam longe da situação que se estava a criar para aquela zona, defende que há vários anos se comprovou não resultar a construção segundo o sistema de quarteirão encerrado².

² " Há mais de meio século que países mais evoluídos compreendem que o urbanismo desempenhava na evolução social um papel decisivo e à mais de meio século que nesses países se entendeu não ser mais de admitir – pelo menos em novos núcleos residenciais – a construção segundo os tradicionais e condenáveis sistemas de "quarteirão fechado". Se essa atitude se verificou à mais de meio século e passou a constituir norma comum até para os estranhos às técnicas urbanísticas, como admitir que nos nossos dias e em pleno centro de uma vila tão importante sejam propostas tais obsoletas soluções." Memória descritiva – Processo de obras nº 1771, Maio de 1960, António A. Aurélio.

Estas inquietações parecem ilustrar a forma como o arquitecto abarca os novos conceitos lançados no 1ºCNA. Ainda que o edifício esteja integrado num quarteirão fechado, este propõe uma situação de galeria, que nos remete para o novo conceito que acredita lógico na estruturação e concepção de cidade. Este vai de encontro à concepção que se ensaia na avenida dos Estados Unidos da América, onde os blocos habitacionais são implantados de forma linear, perpendicularmente ao eixo da rua, abrindo-se para espaços exteriores de lazer que manipulam a transição para a rua, protegendo os respectivos acessos por largos corredores, emoldurados por pilares que dão forma às galerias.

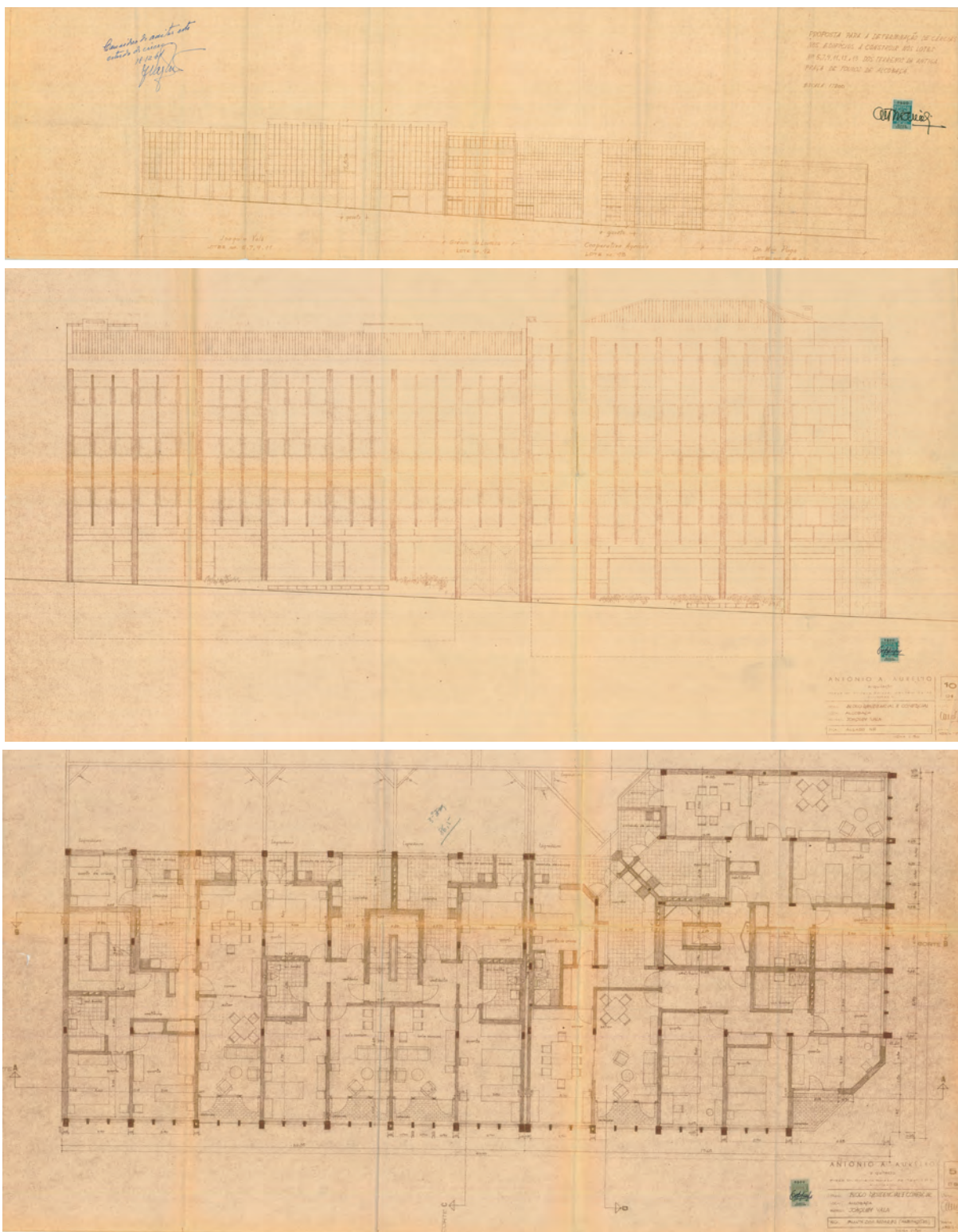


Fig. 13 – Processo de Obras nº 559/61 e nº 1096/63.
Planta, Alçado e Estudo de Cérceas para a rua Afonso de Albuquerque.
Arq.º António Alberto Aurélio, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaça.

Percebe-se ainda através da justificação efectuada relativamente ao prédio de gaveto que projectou com 5 pisos (Figuras 12 e 13) e que foi alvo de contestação, que o autor projectou tendo sempre em atenção a harmonia do todo, bem como a melhor solução do conjunto urbano³.

Será, sem duvida o arquitecto mais emblemático da tendência moderna nos anos 60 na cidade de Alcobaca. Soube libertar a rigidez dos edifícios, para os soltar numa linha completamente flexível e articulada, constituindo uma clara demonstração do modo como é possível projectar edifícios para fins comerciais, e de rentabilização imobiliária, atingindo grande dignidade, e reveladores de um grande nível de equilíbrio, que apenas um vasto trabalho e sensibilidade individual conseguiria atingir.

A sua obra revela a procura de uma unidade espacial autónoma para o uso do habitante, estudos da personalidade humana e do seu quotidiano inserido na arquitectura. Reveladora dessa mesma interacção, do homem sobre o objecto, conserva uma racionalidade e coerência notável, sem a qual a arquitectura não resulta.

PROGRAMA HABITACIONAL | PRÉDIOS DE RENDIMENTO

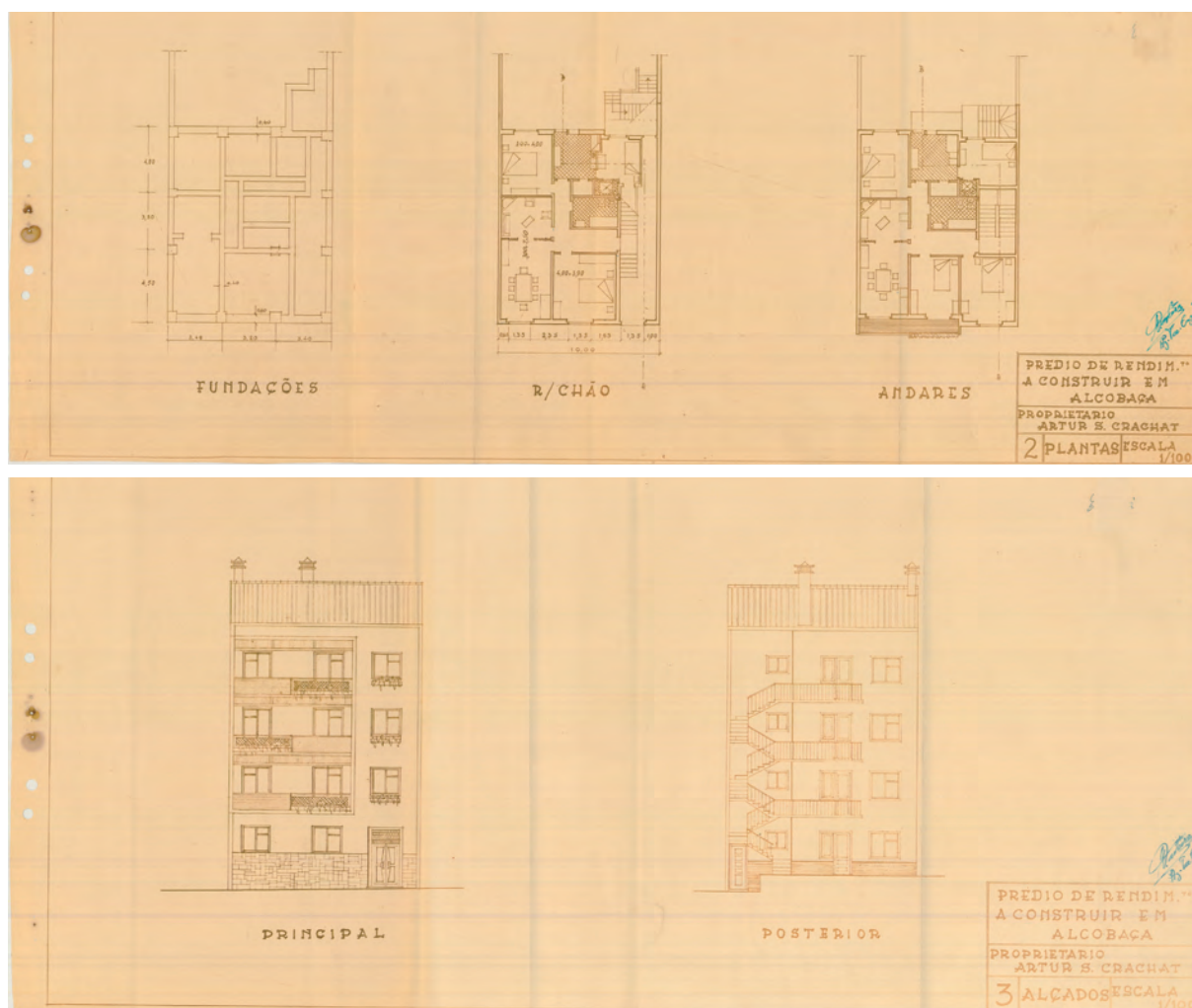


Fig. 14 – Processo de Obras nº 263/61 – Plantas e Alçados.
Manuel Gomes Taveira, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaca.

³ "Enfim, parece-nos indispensável concluir que o espírito que presidiu a concepção destes blocos foi o mesmo dos edifícios dos lotes nºs 12 e 13 (Edifício da Cooperativa Agrícola de Alcobaca) o que permite esperar uma crítica de conjunto mais do que a restrita apreciação deste dois blocos." Memória descritiva - Processo de obras nº 559/61, e nº 1096/63, Maio de 1961, António A. Aurélio.

O presente estudo pretende não apenas cingir-se aos exemplos notáveis de âmbito urbanístico e arquitectónica, mas revelar a verdadeira essência de uma época que se constituiu como um manifesto período de ascensão social. Desta forma, julga-se pertinente abordar os prédios de rendimento projectados por agentes técnicos, que se revelam como o testemunho de resposta aos graves problemas habitacionais que as classes mais desfavorecidas ultrapassavam.

Problema largamente discutido no 1º CNA, a habitação constituía uma das maiores preocupações dos arquitectos no panorama nacional. Compreende-se a noção de consciência social, no sentido de dar resposta ao desajuste do núcleo habitacional, em relação às premissas que o mundo moderno veio estabelecer. Esta deverá ser racionalmente estudada, de forma a abolir preconceitos morais e económicos e chegar ao maior número de população possível, reconhecendo que a construção deve estar ao serviço das necessidades do homem e não sujeita aos interesses da especulação imobiliária. É imperativo que esta esteja ao alcance de todos, de forma a garantir as melhores condições de habitabilidade, com o mínimo de custos. Independentemente do facto de se construir segundo o bloco habitacional desenvolvido em altura ou manter o estereótipo da moradia isolada, qualquer habitação deve garantir uma boa insolação, arejamento natural, com o melhor contacto possível com a natureza.

Segundo a tipologia de construção em altura, os prédios de rendimento apresentados, revelam-se de linhas e concepção simples, mas ainda assim com algum cuidado e detalhe. Estes eram requeridos pelas famílias abastadas, e encarados como uma segura fonte de rendimento e rentabilização do legado familiar.

À semelhança da produção em série que mecanizava as indústrias, também na exploração do problema do habitar parece haver uma normalização dos conceitos e standardização de programas.

Os programas eram simples e pouco personalizados, sem o recurso a grandes luxos, apenas desenvolvido de forma a conferir as condições necessárias à habitação de uma família, destinados a uma classe trabalhadora que surgia por mérito das indústrias espalhadas pela zona, sendo o seu dimensionamento e disposições programáticas idênticas de caso para caso, com a possibilidade de identificar muitas semelhanças nas respectivas disposições.

As obras que se apresentaram representam a construção de casas económicas, acessíveis à classe média, para responder ao problema da habitação.

Pretendeu aqui apenas apresentar-se alguns exemplos destas tipologias, localizadas na zona para onde se expandia a cidade, contudo, muitos outros exemplos se podem considerar na envolvente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - CONJUNTO



Delimitação do Centro Histórico - - - - -

Edifícios considerados no presente estudo ■

Fig. 15 - Ortofotomapa, 2008 – Câmara Municipal de Alcobaça.

Claramente muito mais haverá para dizer acerca das especificidades de cada programa aqui apresentado, contudo, pretende-se salientar o acto fenomenológico inerente a cada concepção, bem como a sua integração no meio envolvente, e a forma como se articula com as premissas lançadas pelos estudos efectuados no ante-plano de urbanização anteriormente apresentado.

Com o suceder dos anos percebe-se uma constante depuração das edificações, o que revela grande valor no modo como os arquitectos souberam integrar as vanguardas artísticas europeias. Parece perder-se o valor da representação ou da aparência, para se canalizar o pensamento em direcção às necessidades de uma sociedade que vê a sua intimidade devassada pela velocidade que se insurgia, dada pelo processo de avanço tecnológico que desequilibrava todo o conjunto.

Em resposta, as obras expostas revelam um singular rigor na implantação dos edifícios, cuidado com a inserção na envolvente, adaptação ao desenho urbano, e respeito pelo carácter da rua. No decorrer da datação das mesmas percebe-se a evolução nas vontades em conceber novas formas, intenções espaciais para soltar o edifício, recorrer à diversidade de novos materiais, rasgar os vãos e interceptar planos.

As primeira abordagens denotam-se ainda agarradas à geração anterior, com volumetrias estanques, sendo que posteriormente se percebe um libertar dos acessórios e da decoração, com realce para o aproveitamento dos progressos técnicos à abertura de grandes planos envidraçados, num jogo de verticalidade e horizontalidade coerente com a utilização e programa pretendido.

Há uma distinta preocupação na forma como se estuda o espaço arquitectónico em toda a sua amplitude, o arquitecto pensa a obra no contexto urbano, relacionado com o território, sem descorar o detalhe na concepção de cada espaço e pormenor. É recusado o recurso a ideias pré-concebidas, a investigação amadurece os conceitos e os programas, trabalhando as diversas hipóteses no seu todo para que fiquem ancorados ao lugar e comuniquem com a envolvente num relacionamento recíproco de complemento e interacção.

De um modo geral os novos materiais oferecem uma imensidão de possibilidades desconhecidas à arquitectura antiga, de salientar o facto da introdução do ferro e do betão, que veio substituir a função estrutural das paredes. Estas podem agora desenhar-se de espessuras francamente reduzida, soltar-se, ou substituir-se por planos de vidro, segundo expressões de cheios e vazios que se relacionam com o espaço exterior tendo ainda a possibilidade de executar apoios delicados, assumidos na composição formal do todo em complemento com estruturas suspensas.

A imagem exterior de cada edifício assume ainda sem preconceitos a respectiva modelação estrutural, justificada com o carácter formal que pretende evocar. Os edifícios primam pela forma como se inserem na rua e na cidade, enriquecendo o contexto urbano e constituindo-se como uma referência para a cidade, evidenciam a valorização funcional de cada programa que se pretende trabalhar segundo espaços projectados especificamente para um fim, com a depuração de elementos acessórios em vantagem da autenticidade da estrutura, dos materiais e da luz.

A acção do arquitecto é claramente programar, planificar, tipificar, projectar, construir, num acto de transformação da cidade, tendo em conta a condição de responder ao contexto social e político.

António Aurélio destaca-se do grupo pela sua linha de concepção claramente voltada para a funcionalidade, onde alia o útil ao belo sem preconceito, resultando em estruturas brutas, despidas de qualquer ornamento ou elemento supérfluo, o edifício vai buscar a sua poesia apenas através dos elementos estruturais e dos materiais utilizados, que são soltos de forma a interagirem com o ser humano.

Revelador de um dimensionamento volumétrico coeso, introduz um novo ritmo urbanístico, trabalhando várias volumetrias, articuladas de modo a realçarem o carácter da rua, coadunando-se numa noção de conjunto tanto do próprio edifício como da inserção paisagística.

Aurélio é o único a colocar a estrutura à vista, a assumir a sua brutalidade e expor o edifício a nu, introduzindo ainda um sentido tectónico riquíssimo ao conjugar as estruturas metálicas com os revestimentos cerâmicos e o vidro. As áreas de convívio da habitação relacionam-se com o exterior através das varandas, estas funcionam como espaços de extensão em relação ao interior, estabelecendo relações de enquadramento com os jardins e edifícios vizinhos. Encontra uma linha de concepção que desintegra a rigidez da arquitectura tradicional, para modelar os volumes e os planos de forma a conquistar cada espaço.

Relativamente aos restantes autores parecem manifestar-se numa linha bastante diferente, mas não menos profunda. Concebem edifícios com grande solidez, mas sobre uma volumetria única, dentro da qual vão trabalhando cada programa segundo as suas especificidades.

O intenso valor da fachada foi desde sempre assumido na arquitectura como um meio de ostentação. Em todos estes edifícios observa-se um grande detalhe no desenho das mesmas, com o cuidado de conjugar vários elementos que lhe conferem ritmo e proporcionam uma correspondência qualitativa entre o interior e o exterior, não se limitando a um trabalho meramente de aparência. A imagem da cidade é assim renovada através da singularidade que é conferida aos novos edifícios, exibindo uma aparência exterior de grande plasticidade.

Nesta fase é introduzida uma nova premissa, deixa de se trabalhar apenas o conceito de rua com edifícios em banda, para se trabalhar o conceito de quarteirão. O pátio surge como elemento de realce no interior do mesmo, sendo a parte nobre da habitação orientada para a rua, e o restante programa orientado para o pátio interior.

Percebe-se um claro domínio da escala, do sentido urbano compreendendo a intervenção desde o plano geral, até ao cuidado precioso como o pormenor, revelador de uma profunda conotação expressiva, tirando partido dos materiais, formas e técnicas ao dispor, em resposta aos valores sociais, económicos e naturais.

A riqueza e a fantasia de todos estes edifícios, desenhados e planeados detalhadamente faz com que hoje o modernismo em Alcobça possa ser considerado um episódio bastante rico dos novos modelos estilísticos e manifestações de liberdade associada às novas ideias de construção que se desenhavam por todo o mundo.

Assim se ultrapassa a era dos revivalismos, para inventar uma nova linguagem, autónoma e independente, que se debruça sobre o homem em sociedade e em evolução. A monumentalidade do passado é agora substituída pela monumentalidade dos edifícios de carácter industriais, social ou de lazer, num esforço por unir o útil e o belo, atingindo o conceito de *arquitectura funcional*.

A cidade de Alcobça parece fundir o conceito de arquitectura e urbanismo e resolvê-los como um todo, conceito abordado por Le Corbusier nos seus estudos urbanísticos. O ante-plano dá forma a avenidas, ruas, praças e jardins, os edifícios ofereceram à sociedade um quotidiano rico de forma a dar vida e vivenciar todo o conjunto. A indissociabilidade de ambos os conceitos é hoje inquestionável, arquitectura e urbanismo não são duas premissas, mas apenas uma, que se fundem no acto criador e se complementam. Julga-se que aqui se reflectiu sobre a arte de habitar, a arte de utilizar e a arte de desfrutar do espaço.

A nova imagem de cidade dirige-se à escala humana, o planeamento interpreta uma estrutura de recursos ao nível do trabalho, da habitação, da circulação, do lazer, que se traduz em urbanismo, complementado com o contributo arquitectónico que dá forma e preenche todas as intenções e acentua as relações entre o homem e a sociedade.

A natureza é o elo de organização entre todas as coisas, a acção do homem será justificada quando em harmonia com a mesma, a técnica expressa o carácter da espiritualidade, das inquietações do artista como mente criadora.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Fig. 1 - Edifício Habitacional

Fig. 2 - Processo de Obras nº 1145/54 – 2º Proposta de Alçado Frontal, Arq. João Simões e Francisco Rodrigues, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobça

Fig. 3 - Estação Rodoviária – Capristanos

Fig. 4 - Processo de obras nº 899/56 - 2º Proposta, Alçado Nascente, com a torre relógio e o bar, Arq.º Camilo Korrodi, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobça

Fig. 5 - Mercado Municipal

Fig. 6 - Planta ao Nível da Entrada e Alçado Principal, Arq.º Vaz Martins e João Castro Lobo, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobça

Fig. 7 - Mercado Municipal, Pormenor dos painéis escultóricos das fachadas

Fig. 8 - Edifício Sede da Cooperativa Agrícola de Alcobça, (Pormenor dos planos da fachada)

Fig. 9 - Processo de Obras nº 1157/58 – Planta 1º Piso, Planta 2º Piso e Alçados, Arq.º António Alberto Aurélio, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobça

Fig. 10 - Central Fruteira

- Fig. 11 - Edifício Sede da Cooperativa Agrícola de Alcobaça e Bloco Residencial, (Articulação do conjunto)
- Fig. 12 – Processo de Obras nº 559/61 e nº 1096/63 – Planta, Alçado e Estudo de Cérceas para a rua Afonso de Albuquerque | Arq.º António Alberto Aurélio, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaça
- Fig. 13 - Bloco Residencial e Comercial
- Fig. 14 – Processo de Obras nº 263/61 – Plantas e Alçados, Manuel Gomes Taveira, Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaça
- Fig. 15 - Ortofotomapa, 2008 – Câmara Municipal de Alcobaça

BIBLIOGRAFIA

- 1º Congresso Nacional de Arquitectura - Relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos de Congresso – Sindicato Nacional dos Arquitectos, com ensaios de Ana Tostões, Ana Isabel Ribeiro, Francisco Silva Dias, Nuno Teotónio Pereira – ed. Ordem dos Arquitectos, 2008.
- FRAMPTON, Kenneth - *História crítica da arquitectura moderna*, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 2008.
- GARCÍA BRAÑA. Celestino, LANDROVE Susana, TOSTOES, Ana, (dir.) - *La arquitectura de la industria, 1925-1965. Registro DOCOMOMO Ibérico*, Fundación DOCOMOMO Ibérico, Barcelona, 2005
- Le Corbusier - *Maneira de pensar o urbanismo*. Publicações Europa-America, 2008.
- LÔBO, Margarida Souza, *Planos de Urbanização: A Época de Duarte Pacheco* - Porto, GDGOTDU/FAUP Publicações, 1995.
- Relatório da actividade e das contas da Câmara Municipal relativamente aos anos de 1953 a 1960, Câmara Municipal de Alcobaça, [s.ed.].
- RODRIGUES, Elisabete do Carmo Mendes, (2010) - *A manifestação da Arquitectura Moderna no Centro Histórico de Alcobaça | Anos 50 – 60*, Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Arquitectura, Cooperativa de Ensino Universidade Lusíada de Lisboa, Março 2010, 156 pp.
- TOSTÕES, Ana – Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande, Lisboa, ed. Salamandra, 1992.
- Vários, *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920 – 1970 Património Moderno*. Ministério da Cultura.

FONTES DOCUMENTAIS

- Arquivo da Câmara Municipal de Alcobaça;
- Arquivo Biblioteca Municipal de Alcobaça;
- Carta de ordenamento da cidade - 1/5000 – CMA;
- Processo de Obras nº 1145/54 - CMA, Rua D. Frei Estêvão Martins – Alcobaça;
- Processo de Obras nº 899/56 - CMA, Avenida Manuel da Silva Carolino – Alcobaça;
- Processo de obras: nº 1157/58 - CMA, Estrada Nacional 8 - Alcobaça;
- Processo de obras: nº 1771/1960 – CMA, Rua João D’Oliva Monteiro – Alcobaça;
- Processo de obras: nº 559/61, e nº 1096/63 – CMA, Lotes nº 7, 9, e 11, Rua Vasco da Gama | Rua Afonso de Albuquerque – Alcobaça;
- Processo de obras: nº 8/61 – CMA, Rua João D’Oliva Monteiro – Alcobaça;
- Processo de obras: nº 263/61 - CMA, Rua João D’Oliva Monteiro – Alcobaça;
- Processo de obras: nº 1746/61 - CMA, Rua Vasco da Gama – Alcobaça;
- Processo interno da CMA - Mercado Municipal de Alcobaça, Av. Prof. Vieira Natividade | Av. Dr. João Lameiras de Figueiredo | Rua Dr. Eduino Borges Garcia – Alcobaça;

ELISABETE DO CARMO MENDES RODRIGUES

Nasceu em 1980. É arquitecta pela Universidade Lusíada, em 2003 e mestre pela mesma universidade, em 2010, com a dissertação intitulada “A Manifestação da Arquitectura Moderna no Centro Histórico de Alcobaça, Anos 50 – 60”.

Trabalha desde 2004 no Município de Alcobaça, tendo vindo a desenvolver projectos de arquitectura nas mais variadas áreas. Em 2005 elabora o projecto da Extensão de Saúde de Vimeiro e o projecto do Gimnodesportivo de Évora de Alcobaça, no ano seguinte é convidada a elaborar o projecto para a Extensão de Saúde de São Martinho do Porto. Em 2007 e 2008 colabora na elaboração da carta de património, integrada no processo de revisão do PDM, efectuando o levantamento do património do concelho, em articulação com o IGESPAR. Em 2009 projecta o lar de 3ª Idade para a Cela e mais tarde projecta o Centro de Actividades Ocupacionais e Lar Residencial acoplado, edifício de apoio a pessoas deficiente, que tem vindo a desenvolver até à data. Paralelamente desenvolve actividade como profissional liberal.